

Brasília. Ali, contrariamente à confluência inicial, experimentamos um movimento de expansão de nosso grupo. Uma espécie de expansão diaspórica. Nos espalhamos pelo Brasil e pelo mundo afora, produzindo riquezas minerais, organizando, educando, transformando, acrescentando, cada um de nós, o seu *quid* pessoal ao mundo no qual vivemos. Essa nossa longa e complexa trajetória não se fez senão sob a densa atmosfera da emoção.

O que você vai encontrar neste livro são *flashes* de nosso meandar pelo complexo e vasto continente das Geociências. As crônicas que você vai ler servem para marcar esse cinquentenário de nosso grupo. Elas procuram gravar alguns dos momentos emotivos pelos quais nós passamos. Entretanto, conforme dissemos no volume I: “Eles são tantos que dariam para ornamentar muitas estantes. Isso ficará para um momento seguinte”.

Boa leitura.

Os organizadores

Prazerosamente desfrutei da variedade e da intensidade dos escritos, que mostram contos alegres, textos poéticos e de ficção, alguns retratos da impulsividade do universitário, da surpresa dos momentos inesperados e do vagar dos geólogos de campo algumas vezes envolvidos em expedições dramáticas, beirando acidentes graves, ou mesmo fatais. Mas o livro também contém textos exemplificando a capacidade da geologia em abordar temas atuais e polêmicos que mexem com o saber de cientistas e com a nossa sociedade. A tudo isto se somam dezenas de fotos, muitas de valor histórico, que engrandecem a obra.

C&A Alfa
Comunicação

ISBN: 978-85-5791-058-4
9 788557 191058 4

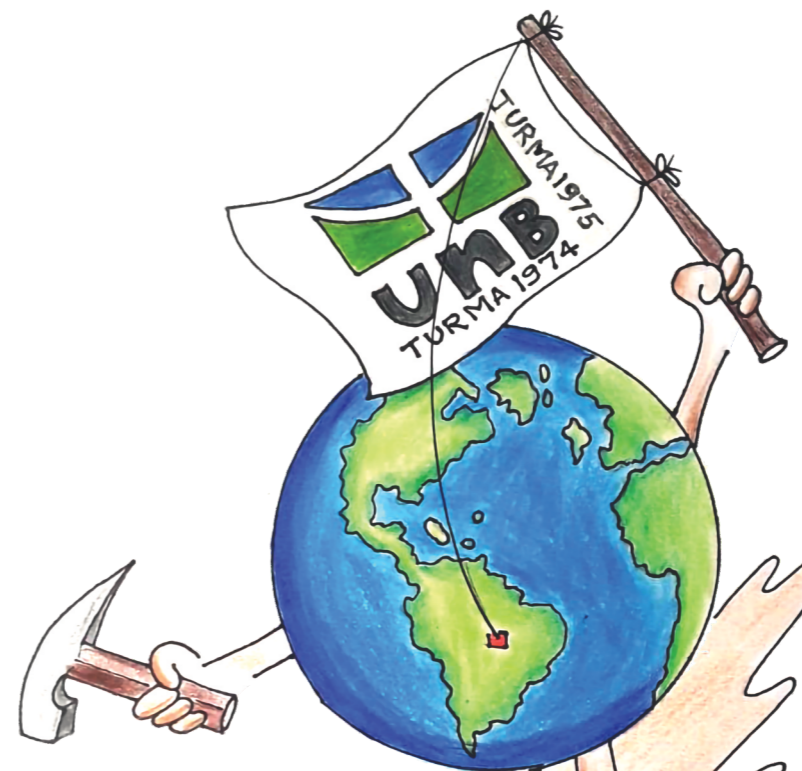
Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha
Gedison Marques Vilela
Organizadores



Trilhas GEOLÓGICAS

v.2

Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha
Gedison Marques Vilela
Organizadores



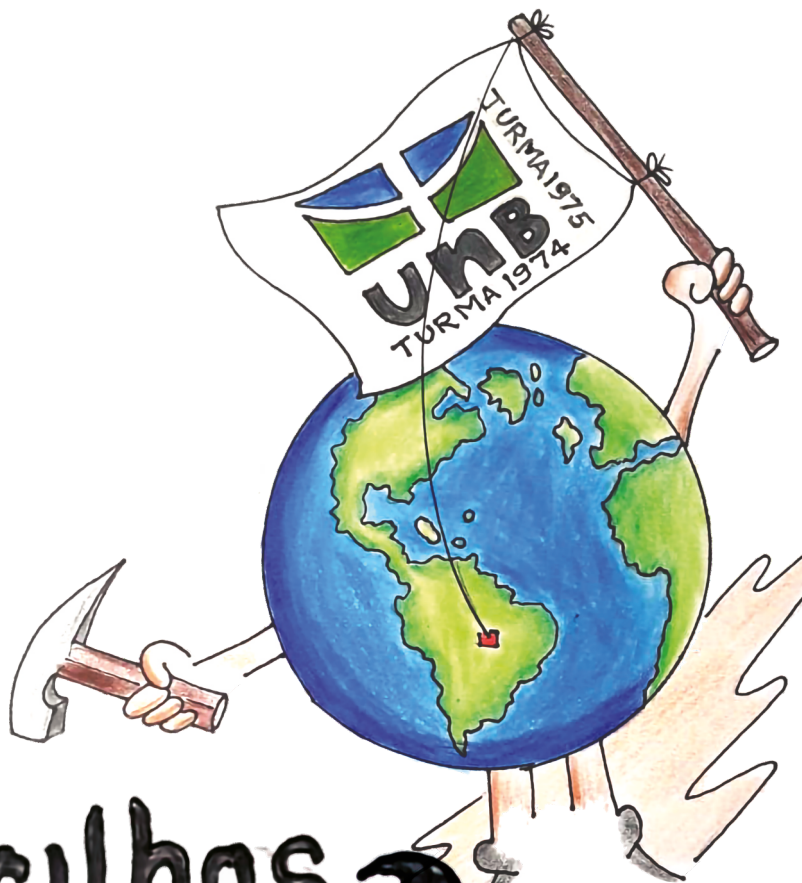
Trilhas GEOLÓGICAS

PELOS MEANDROS DE LABOR E DE EMOÇÃO CONSTRUÍDOS
PELOS GEÓLOGOS EGRESSOS DA UNB, DAS TURMAS 1974-1975

Em 1971, como que imantados por certo encantamento, nós convergimos para um ponto singular de uma das asas de Brasília, porque, bem sabíamos, elas estariam sempre abertas para nós: Essa singularidade era o Instituto de Geociências da Universidade de Brasília, naquele tempo denominado Departamento de Geociências. Vínhamos de todos os cantos do país e a trajetória que descrevíamos fazia a forma do movimento das coroas de um magno ciclone da esperança. A proatividade do corpo docente do Instituto de Geociências se irmanava à nossa utopia: mergulhar forte no universo das Geociências.

Durante longos quatro anos, ouvimos, questionamos, criamos, sofremos, aprendemos e fizemos. Nosso tempo minguido de estudantes não impossibilitou que nos conglomerássemos em um corpo enorme coeso e resistente. Entre o final do ano de 1974 e o final do primeiro semestre de 1975, diplomados, enchemos nossas mochilas com esperanças e incertezas e deixamos o Instituto de Geociências da Universidade de

Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha
Gedison Marques Vilela
Organizadores



Trilhas GEOLOGICAS

PELOS MEANDROS DE LABOR E DE EMOÇÃO CONSTRUÍDOS
PELOS GEÓLOGOS EGRESSOS DA UNB, DAS TURMAS 1974-1975

Organizadores

Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha
Gedison Marques Vilela

Autores

Almério Barros França
Antônio Reinaldo Soares Filho
Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha
Carlos Horácio Bertoni
Evando Carele de Matos
Gedison Marques Vilela
Jad Salomão Neto
João Batista Ramos
José Eduardo Amaral
José Luiz Galvão de Mendonça
José Ribamar Constâncio da Silva
Neuza Batista da Silva
Oswaldo Moreira Lima
Sevan Naves
Sílvio Costa Mattos

Conselho Editorial

Almério Barros França
Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha
Carlos Horácio Bertoni
Gedison Marques Vilela
Rivadavia Silva Barbosa
Sílvio Costa Mattos

Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha
Gedison Marques Vilela
Organizadores

Trilhas GEOLOGICAS

**PELOS MEANDROS DE LABOR E DE EMOÇÃO CONSTRUÍDOS
PELOS GEÓLOGOS EGRESSOS DA UNB, DAS TURMAS 1974-1975**

Volume 2



Goiânia, GO | 2024

*Vista parcial do
campus da UnB*

Fonte: Universidade de
Brasília from Brasília, Brasil
- Campus Darcy Ribeiro,
CC BY 2.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=71004748>.





DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro a nossos familiares, ao Instituto de Geociências da Universidade de Brasília, à comunidade geocientífica e a quem luta pela construção de um Brasil livre, justo, soberano e solidário

AGRADECIMENTO

Os organizadores desta obra expressam seus sinceros agradecimentos aos colegas que tiveram a coragem, o espírito fraternal e o desprendimento para colaborar com esse projeto, muito pouco ortodoxo, mas de uma importância histórica imensa.

Nosso agradecimento especial ao designer Benedito Santana Ramos Neto, irmão de nosso querido colega João Batista Ramos, o Piska, que mesmo não pertencendo ao nosso grupo teve a disposição fidalga de atender ao nosso apelo produzindo, graciosamente, a capa deste livro

“Se o cientista contemporâneo encontrar tempo e coragem para julgar a situação e sua responsabilidade, de modo pacífico e objetivo, e se agir em função deste exame, então as perspectivas de uma solução racional e satisfatória para a situação internacional de hoje, excessivamente perigosa, aparecerão profunda e radicalmente transformadas.”

ALBERT EINSTEIN (*Como vejo o mundo*.
8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 213).

HOMENAGENS

Nós do universo geocientífico consideramos o tempo como um fenômeno. Esse é o sentido no qual utilizamos aqui esse conceito. Pois bem, no tempo, podemos nos aprisionar, mas também nos libertar. Quando esse tempo nos permite ultrapassar a barreira dos septuagenários, entendemos que ele está escancarando para nós a porta da liberdade. É essa liberdade que nos permite falar de amor e de carinho. O carinho nos parece um tanto quanto instrumental. Mas o amor, não! O amor é um benfazejo sentimento que brota do fundo de nós mesmos. O tamanho de nosso amor revela o tamanho e a nobreza de nossa alma. É, então, com amor e carinho incontidos que fazemos nossa singela homenagem a nossos queridos ex-professores e a nossas queridas ex-professoras, aqui presentes.

Aluísio de Sousa Carvalho
Álvaro de Faria
Ariplínio Antônio Nilson
Bhaskara Rao Adusumilli
Eduardo Antônio Ladeira
Elmer Prata Salomão,
Geraldo Ferreira de Andrade
Getúlio Vargas Barbosa
Henri Simon Jean Benoit Dupont
João da Rocha Hirson
Jorge Gomes do Cravo Barros
José Alberto Vivas Veloso
Marcel Auguste Dardenne
Marcelo Rafael Correia Borges da Fonseca
Maria do Perpétuo Socorro Adusumilli
Onildo João Marini
Othon Henry Leonardos Junior
Reinhardt Adolfo Fuck
Sheila Maris Gomes de Melo

HOMENAGENS PÓSTUMAS

Nossos mais profundos agradecimentos e nossas sinceras homenagens às famílias de nossos ex-professores abaixo relacionados, cujas passagens ao plano espiritual, impossibilitaram que eles comemorassem conosco este dia memorável.

Ex-professores

Ariplínio Antônio Nilson

Bhaskara Rao Adusumilli

Geraldo Ferreira de Andrade

Getúlio Vargas Barbosa

Marcel Auguste Dardenne

Onildo João Marini

Robert Edmund Delavault

Ainda estão vivos em nossas memórias a sociabilidade, o aconchego e os momentos de alegria que os ex-colegas abaixo relacionados nos proporcionaram durante o tempo em que convivemos no Instituto de Geociências. Por essa razão, homenageamos suas famílias, com um abraço do fundo de nossos corações.

Adão de Souza Cruz

Alexandre Vitor Schutz Filho

Álvaro Cavalcante Alves

Edisio Rodrigues Rocha Álvaro

Fernando Latorraca

João Batista Ramos

Homenageamos, ainda, o Geólogo *Honestino Monteiro Guimarães*, líder estudantil nas décadas de 1960-1970, assassinado em 1973 pela ditadura militar do Brasil, instaurada em 1964.

© Autoras e autores – 2024

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825,
de 20 de dezembro de 1907.

Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),
Catalogação na Fonte



C&A ALFA COMUNICAÇÃO

Presidente

Luiz Carlos Ribeiro

Revisão Geral

Fernanda Fernandes

Pimenta de Almeida Lima

Projeto Gráfico

Adriana Almeida

Conselho Editorial

Andréa Coelho Lastória (USP/Ribeirão Preto)

Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena (UNESP/Ourinhos)

Carolina Machado Rocha Busch Pereira (UFT)

Denis Richter (UFG)

Eguimar Felício Chaveiro (UFG)

Lana de Souza Cavalcanti (UFG)

Loçandra Borges de Moraes (UEG/Anápolis)

Míriam Aparecida Bueno (UFG)

Vanilton Camilo de Souza (UFG)

Ilustração da Capa: Benedito Santana Ramos Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

C377e Trilhas geológicas [recurso eletrônico]: pelos meandros de labor e de emoção
construídos pelos geólogos egressos da UnB, das turmas 1974-1975 : volume
2 / Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha, Gedison Marques Vilela (Org.). –
Goiânia : C&A Alfa Comunicação, 2024.

318 p. ; 16 x 23 cm.

ISBN: 978-85-5791-058-4 (Físico)

ISBN: 978-85-5791-059-1 (E-book)

1. Egressos - Geologia. I. Cunha, Bernardo Cristóvão Colombo da. II. Vilela,
Gedison Marques.

CDU: 55

(Elaboração: Filipe Reis – CRB 1/3388)

Sumário

Prefácio	17
Apresentação	25
<i>Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha</i>	
<i>Gedison Marques Vilella</i>	

TEMPOS DE ESCOLA

1. Antônio Automóvel	31
<i>Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha</i>	
2. Binômio da Costa Lima, o Meco: uma referência especial	35
<i>Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha</i>	
3. Uma quermesse em Nortelândia, MT	42
<i>Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha</i>	
4. Patrícia Prieto: fogo que queima sem doer	47
<i>Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha</i>	
5. A promessa rejeitada.	51
<i>Evando Carele de Matos</i>	
6. Alcova <i>sui generis</i>	53
<i>Evando Carele de Matos</i>	
7. Discípulo iluminado	55
<i>Evando Carele de Matos</i>	
8. O bom samaritano	58
<i>Evando Carele de Matos</i>	
9. A influência do Rondon na doação de sangue	60
<i>José Ribamar Constâncio da Silva</i>	
10. A Dobradinha	62
<i>Neuza Batista da Silva</i>	

11.	A força transformadora da Universidade de Brasília ...	64
	<i>José Luiz Galvão de Mendonça</i>	
12.	Memórias da memorável semana de Geologia	66
	<i>Sevan Naves</i>	
13.	Aventuras no Bar Zebrinha – CLN 403, Brasília, DF ...	71
	<i>Sílvio Costa Mattos</i>	

PELAS TRILHAS DAS GEOCIÊNCIAS

14.	Mudanças Climáticas sob a Ótica Geológica.....	79
	<i>Almério Barros França</i>	
15.	Tributo a Brasília	101
	<i>Antônio Reinaldo Soares Filho</i>	
16.	Bar Lennon	127
	<i>Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha</i>	
17.	Perdido no espaço.....	132
	<i>Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha</i>	
18.	Viagem ao rio Xingu	137
	<i>Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha</i>	
19.	A outra margem do Rio Corentijn	144
	<i>Carlos Horácio Bertoni</i>	
20.	A volta de Itaituba.....	150
	<i>Carlos Horácio Bertoni</i>	
21.	Contribuição da mineração no cotidiano de nossas vidas	154
	<i>Jad Salomão Neto</i>	
22.	O cúmulo da persistência.....	163
	<i>Jad Salomão Neto</i>	
23.	Um príncipe em São Jorge, GO.....	175
	<i>João Batista Ramos</i>	
24.	O garimpeiro da Amazônia.....	180
	<i>José Eduardo do Amaral</i>	
25.	O seringueiro das matas do Purus	184
	<i>José Eduardo do Amaral</i>	

26.	A tampa e a garrafa.	189
	<i>Gedison Marques Vilela</i>	
27.	O poço “artesiano” que produzia peixe	195
	<i>Gedison Marques Vilela</i>	
28.	A bela da tarde	203
	<i>José Ribamar Constâncio da Silva</i>	
29.	Andarilhos.	205
	<i>José Ribamar Constâncio da Silva</i>	
30.	Carnaval em Salvador	207
	<i>José Ribamar Constâncio da Silva</i>	
31.	Gritos e sussuros.	210
	<i>José Ribamar Constâncioda Silva</i>	
32.	O quarto da estrela	212
	<i>José Ribamar Constâncio da Silva</i>	
33.	Andes bolivianos.	214
	<i>Neuza Batista da Silva</i>	
34.	Cadê as sobras do polvo	216
	<i>Neuza Batista da Silva</i>	
35.	O ar tremia e a mosquitama reinava.	218
	<i>Neuza Batista da Silva</i>	
36.	Sombra no calor	220
	<i>Neuza Batista da Silva</i>	
37.	Alto Ituxi-Sepatini	222
	<i>Oswaldo Moreira Lima</i>	
38.	João Troaca	226
	<i>Oswaldo Moreira Lima</i>	
39.	Mata Azul – Apertado da Hora, Quebra-Rola (Montividiu do Norte)	230
	<i>Oswaldo Moreira Lima</i>	
40.	Reminiscências amazônicas.	235
	<i>Sílvio Costa Mattos</i>	
41.	Um pernoite em Campinaçu, Goiás	245
	<i>Sílvio Costa Mattos</i>	

SOB O SILENCIAR DO MARTELO

42. Carta ao Boscão.	255
<i>Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha</i>	
<i>Gedison Marques Vilela</i>	
43. A mulher do vizinho	258
<i>Gedison Marques Vilella</i>	
44. Eu Pedra.	279
<i>José eduardo do amaral</i>	
45. Carlos Eduardo	280
<i>José Ribamar Constâncio da Silva</i>	
46. O velório do geólogo.	283
<i>José Eduardo do Amaral</i>	

SOBRE OS AUTORES

Almério Barros França.	295
Antônio Reinaldo Soares Filho (Soarinho)	296
Bernardo Cristóvão Colombo da Cunha (Viet).	297
Carlos Horacio Bertoni	299
Evando Carele de Matos.	300
Gedison Marques Vilela.	302
Jad Salomão Neto	303
João Batista Ramos	305
José Eduardo do Amaral	307
José Luiz Galvão de Mendonça	308
José Ribamar Constâncio da Silva	309
Neuza Batista da Silva	310
Osvaldo Moreira de Lima	312
Sevan Naves.	313
Sílvio Costa Mattos.	314
Referências.	317

Prefácio

Alberto Veloso¹

Inicio com um agradecimento e um parabéns. Agradecimento por ter sido escolhido para prefaciá-lo este livro. Quando o Viet me contatou senti-me honrado com o convite e a alegria inicial misturou-se com um pouco de preocupação, pois iria fazer algo que nunca realizara anteriormente. Cheguei ao final e novamente agradeço a todos vocês, pois agora também faço parte do livro. Parabéns, é por vocês terem escrito não um, mas dois livros, já que o atual é um complemento do Trilhas Geológicas, Volume 1, editado em 2014. Considero o fato de alta relevância porque esses livros guardam histórias vividas e passagens únicas que proporcionam as pessoas de hoje, mas sobretudo aos estudantes de Geologia, o testemunho daqueles que vivenciaram o curso de Geologia de cinco décadas atrás, da experiência de terem vivido e “sobrevivido” em uma universidade em formação, de se adaptarem a uma Brasília ainda pequena e de sentirem de perto a realidade do interior do Brasil nas excursões e trabalhos de campo e depois contando suas próprias conquistas como jovens geólogos e hoje como senhores e senhoras profissionalmente realizados.

Prazerosamente desfrutei da variedade e da intensidade dos escritos, que mostram contos alegres, textos poéticos e de ficção, alguns retratos da impulsividade do universitário, da surpresa dos momentos inesperados e do vagar dos geólogos de campo algumas vezes envolvidos em expedições dramáticas, beirando acidentes

1 Ex-professor de Geologia Geral e de Geofísica do Instituto de Geociências da UnB.

graves, ou mesmo fatais. Mas o livro também contém textos exemplificando a capacidade da geologia em abordar temas atuais e polêmicos que mexem com o saber de cientistas e com a nossa sociedade. A tudo isto se somam dezenas de fotos, muitas de valor histórico, que engrandecem a obra.

Repassando as páginas do livro na ordem crescente, arrisco dizer que, mesmo sem ler o nome do autor, eu poderia creditar vários dos escritos como sendo do Viet, pois acostumei-me com o seu palavreado exclusivo e inconfundível, após a leitura de seu livro ano passado, escrito em parceria com a irmã, contando a saga de parte da família que abandonou uma vida de poucas oportunidades no Maranhão para vencer em Brasília. No presente caso, o Viet é autor de 7 textos variando de episódios hilários, de algumas aventuras, de amizades perenes, até momentos de medo, como o de estar voando perdido sobre a selva amazônica.

Aprofundando nas escritas deparo-me com citações do Projeto Rondon, que na década de 1970 já possuía alcance nacional e traz recordações interessantes aos que dele participaram. Como não enaltecer as circunstâncias que levaram o Constâncio a tornar-se um costumeiro doador de sangue, mesmo ao preço de, certa vez, ser chamado de perna de pau em partida de futebol? Entretanto, a Neuzza não parece ter boas recordações do menu do bandeirão, particularmente nos dias que serviam dobradinha.

As palavras do José Luiz ressaltam a sua surpresa ao perceber que de repente, tudo mudara em sua vida: curso universitário, cidade diferente com endereços estranhos, alternância de moradias e a oportunidade de andar gratuitamente de “Mercedes com motorista, mesmo que fosse de um ônibus não tão novo assim”.

O Sevan nos apresentou as dificuldades que um grupo de estudantes encontrou para criar a Primeira Semana de Geologia da UnB, época em que a universidade atravessava dias turbulentos. Com detalhes reconstruiu essa história vitoriosa, pois desde então, repete-se anualmente tal evento. Ausente desse primeiro encontro, pois estudava no México, o texto contém imagens que me

relembrem antigos colegas e jovens professores: João Bosco, Elmer, Fuck e o professor Bhaskara Rao Adusumilli, amigo de toda a vida.

Boas ideias se sustentam e atravessam os tempos e os ex-estudantes Sevan (Coordenador), Flávio, Mineiro e Tim, merecem os nossos aplausos, pois puseram de pé um programa que até hoje é reconhecidamente importante aos estudantes de Geologia da UnB.

A mim pareceu que o Silvio possuía atração especial por bares ao apresentar fatos pitorescos sobre vários deles, mas deixou sua história inusitada para o então afamado Zebrinha. Acompanhado de dois de seus colegas, após horas de conversas, muita bebida e despesa alta, resolveram dar o cano. Impulsionados pela energia e velocidade da juventude dispararam rumo a UnB, mas com um segurança a seus pés e, de repente, ouvem um tiro e o Silvio Garrafa cai, mas apenas por causa de um tropeção. Diz ele não saber se o segurança “atirou para cima ou se tinha má pontaria”.

O texto do Almério é um grande presente para todos nós ao abordar o debatido assunto das mudanças climáticas. Fundamentado em informações históricas, dados científicos e interpretação pessoal, ele mostra com clareza indiscutível os fatores internos e externos que de fato influenciam as mudanças climáticas de nosso Planeta e a pequena e tão pouca compreendida influência humana em tal contexto, no que aliás concordo. Porém, elegantemente, ele deixa o leitor decidir o caminho a seguir sobre o tema, ao comparar, por exemplo, na última figura de seu texto, as curvas de crescimento da temperatura e de CO₂ na região do Ártico.

O Reinaldo Soares, um piauiense que aprendeu a amar Brasília, nos transporta às primeiras discussões sobre a criação da futura capital até a sua construção. Depois envereda pelo período universitário identificando detalhes dos componentes de turmas das variadas matérias e respectivos professores, agregando um conjunto de fotos valiosas, mas, incorreu no erro de me chamar de doutor, o que nunca fui.

Em território guianense quem aparece em seguidos apuros é o Bertoni. Solitário, se vê envolvido em uma situação inesperada, que

o coloca diante de pessoas desconhecidas e comprovadamente perigosas e assim lança mão de sua experiência de vida e do bom senso para tentar cruzar um rio que lhe parece fugir do controle em vários momentos. Porém, finalmente consegue atingir o seu objetivo, são e salvo e com uma boa história para contar. Mas apertem os cintos, pois ele relata outra situação de perigo, acontecida ao voar em um monomotor antigo, talvez sem manutenção adequada, apoio terrestre reduzido em ambiente atmosférico muitas vezes hostil. Como amante de aviões, ex-piloto e proprietário de um ultraleve, o Veloso sabe que mar turvo faz bons marinheiros e a recíproca é também verdadeira para os que preferem “navegar” pelo ar. Doses de “sorte” e bons pilotos fazem a diferença em momentos cruciais, o que não aconteceu para 154 passageiro e tripulantes (não culpados do acidente) do voo Gol-1907 e o Bertoni poderia ter ocupado uma das poltronas daquela fatídica viagem. Ufa! Algo para não esquecer jamais.

O Jad entra em cena com um texto interessante, detalhando o valor da M para toda a sociedade. Abrangente e de fácil compreensão ele poderia ser distribuído aos calouros dos cursos de Geologia, uma injeção na veia dos que futuramente estarão a postos para tomar decisões importantes para o País. A seguir, mais um de seus escritos chama a atenção sobre as adversidades, os tropeços e o vai e vem da pesquisa mineral, empreendimento de alto risco, envolvendo volumes de dólares a não mais acabar. Na narrativa surgem brasileiros e estrangeiros, localidades no exterior, enorme variedade de minerais pesquisados, mas, ao final, o que os escritos trazem é um belo exemplo de resiliência do Jad para vencer obstáculos em busca de seu sonho, sintetizado no título: O cúmulo da persistência.

O João Batista é outro que passou maus momentos quando mapeava regiões de Goiás aonde o desenvolvimento não chegara, para um simples lampião tornar-se um instrumento de desejo de muitos e de posse de poucos. Como o João possuía dois, um pai cuidadoso superou o seu acanhamento para pedi-los emprestados e assim iluminar apropriadamente a festa de 15 anos da filha. Mais,

o geólogo forasteiro também foi convidado para dançar a primeira valsa com a aniversariante, honraria maior. Dias depois, já em outra cidade próxima, saboreando a cerveja do dia, também sentiu bem próximo da nuca, o cano de uma arma e uma voz intimidadora “– Você dançou com a moça mais linda de São Jorge! É você mesmo! Te peguei!” Imobilizado pelo terror de morrer por nada, só voltou a respirar ao ver o dono do bar apontando um 38 para o suposto namorado, que afinou diante da situação. Uau! Daquela o João Batista escapou.

O Zé Eduardo Amaral elabora com segurança o típico ciclo do garimpeiro, por ter convivido com o apelidado “Palitó”: trabalho duro, bafejo da sorte, riquezas desperdiçadas num piscar de olhos e a volta ao ponto de partida. Em outro texto de grande capricho, ele revive histórias de bravos seringueiros, personagens importantes num passado não tão distante, mas hoje praticamente esquecidos nos fundões da Amazônia. Sua descrição da coleta do látex me lembrou quando no Acre, junto com minha esposa, acordamos de madrugada para vivenciar na mata, mas como turistas, o que aqueles homens fazem para sobreviver.

O Gedison nos revela um quase segredo do significado de “Tampa e Garrafa”, mas até lá chegarmos leremos sobre variadas cachaças, remédios caseiros, pés descalços, terrenos lamacentos e calça com traseiro não muito limpo. Depois ele nos conta a curiosa história do poço artesiano que “produzia peixes”, fato impossível, mas categoricamente esclarecido por um hidrogeólogo apenas engatinhando na nobre especialidade que ameniza problemas crônicos no nordeste brasileiro.

Agora cabe ao J. R. nos fazer uma exposição sobre variados tipos de cobras, isto porque, durante trabalho de campo, encantou-se com a beleza de um desses répteis e só anos depois conseguiu descobrir a sua espécie e certificar-se de que não era venenosa. Em outro conto, recorrendo a memória de um experiente viajante por estradas interioranas, fato que lhe dá oportunidade de cruzar com vários andarilhos, o J. R. filosofa do porquê uma pessoa se coloca

em tal posição e até dá conselhos de mudança de vida a um deles. Em uma terceira história, o J. R. expõe sua ojeriza pela dança, mas acaba aceitando um dos muitos convites para conhecer o carnaval da Bahia. Segundo explica, foi uma experiência que jamais esqueceu, mas que de forma alguma deseja repetir. No derradeiro conto o J. R. narrou como um esperto dono de pensão, na terra de Guimarães Rosa, encontrou forma de obter lucro extra no aluguel de um de seus quartos, vendendo a ideia de ele ser muito especial.

Além de seu conto no início do livro, a Neuza contribuiu com quatro outros: no primeiro, passado nos Andes bolivianos, teve uma experiência que não deseja repetir, que foi trafegar de Jeep por trilhas montanhosas para conhecer restos de civilizações antigas, mesmo com o namorado por perto e sendo grande admiradora da Arqueologia. No segundo, já como professora, aceitou convite para passar um feriado em aldeia isolada de pescadores, o que significava nenhuma infraestrutura. O almoço? Um único polvo, pescado em alto mar e o sumiço de suas sobras para o jantar representou-lhe uma lição de vida. No conto seguinte, a Neuza demonstra que seguir a “chamada dieta macrobiótica” tem as suas vantagens. Em seu texto final, ela descobriu uma forma de driblar o árduo trabalho de campo bem no interior de uma igreja de ambiente convidativo.

Em dois escritos o Oswaldo traz a sua experiência de trabalhar no interior da Amazônia, pura selva de perigos mil: navegando por igarapés desconhecidos, abrindo longas picadas em matas fechadas, parcos recursos técnicos apesar de mochilas pesadas, alimentação restrita, vizinhança com piranhas, sanguessugas e animais peçonhentos, investidas de piuns e uma quase picada da cobra papagaio. Mas é necessário coletar mais amostras, obter outras medidas, dados fundamentais para um futuro mapa geológico. A complexidade de conviver com garimpeiros e a de sobreviver em áreas de garimpos podem gerar situações dramáticas: discussões calorosas, ameaças múltiplas, fugas noturnas, tiroteios com armas de calibres variados, pedradas certeiras e outras voando pelo ar acontecem e até a morte de um pastor-garimpeiro, entra no relato.

Outro texto com “reminiscências” da Amazônia vem do Silvio, quando participou de prospecção e pesquisa no sul do Pará. Antes, porém, lembrou de seu primeiro estágio remunerado na área de fotointerpretação que, de certa forma, facilitou o seu primeiro contrato profissional. Logo foi ao campo e para atingir a área alvo, que estava em terras indígenas, tardou 2 semanas navegando de dia e à noite acampando às margens dos rios, isto em estação chuvosa. Sua segunda expedição à mesma área, uma pesquisa mais detalhada, significou 6 meses no campo completamente isolado. Mantimentos eram lançados de avião e para interagir com a recém-namorada e depois esposa de toda a vida, só através de cartas ou de mensagens enviadas por terceiros via rádio. Diz o Silvio que ao regressar a Goiânia “tinha até medo de atravessar as ruas devido ao tráfego de veículos”.

A partir do sutil subtítulo: Sob o silêncio do martelo o livro muda de enfoque, pois não mais aborda conteúdos geológicos, mas sim escritos romanceados, poéticos e de pura ficção demonstrando a versatilidade e o poder da escrita de alguns colegas. O Gedison nos surpreende com o erotismo de seu conto, criado ainda em seu tempo de universidade. Parabéns ao Zé Eduardo por seu poema, que certamente agradará a todos. O Carlos Eduardo descreve a importância de um “outro Carlos Eduardo” na vida familiar e confessa não ter esquecido de um velho amigo “forte pra cachorro”. O imaginário do Zé Eduardo fecha o livro em grande estilo, apresentando um personagem já “em outra dimensão”, capaz de observar e criticar miríades de acontecimentos ao seu redor.

Ao final de minhas observações, reitero a grata satisfação pela leitura de uma coletânea de escritos diversificados e vibrantes, que pontuaram pedaços de vidas construídos a partir dos tempos universitários de meio século atrás. Falando de tempo, tomo a liberdade de deixar uma mensagem a cada um de vocês. Como já cruzei a década dos 80, me perguntaram por ocasião do lançamento de meu último livro, ano passado, de como nesta idade ainda escrevia e publicava vídeos. Respondi que o ator, cineasta e compositor Clint Eastwood, (94) era um exemplo a ser seguido. Durante certa entrevista ele disse

ser hora de ir para a cama, pois precisaria levantar-se às 5h para continuar filmagens bem cedo. – E de onde tira energia para realizar tantas atividades? Perguntou um curioso repórter. – *I don't let the old man in*, respondeu, Clint. O caminhar do tempo atinge a todos nós e, cedo ou tarde, estarão vocês cruzando os 80 também. Não deixar o velho entrar em nós é a chave da questão. Levantar-se com disposição para enfrentar o dia à frente, não reclamar de uma dorzinha aqui, ou outra ali, sentir-se motivado para lidar com novidades, pensar positivo, fazer planos futuros e tratar de cumpri-los, isto faz parte da receita certa para nos manter vivos e produtivos. Por isso, **eu não deixo o velho entrar em mim**. Espero que não o deixem entrar no amanhã de suas vidas, também.

